

5. MOBILIDADE E ACESSIBILIDADE NA ILHA DO PORTO SANTO

6. ERASMUS NO SECUNDÁRIO?

7. CONSUMO DE TEMPO!

DIÁRIO de Notícias



DEZ ANOS DE TRANQUILIDADE • LEONOR FRANÇA • ES DE FRANCISCO FRANCO (FUNCHAL)

X SÉRIE • N.º 7 // ABRIL DE 2025 // EDUCAÇÃO

PONTO e VÍRGULA

ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE INTEGRANTE DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

EDITORIAL

Em criança, custava-me ler um livro — mesmo com gravuras. Na minha ótica, era uma tarefa entediante. Por isso, gostava de ver a reação da Júlia de então se soubesse o quão fascinante foi, agora, ler, analisar, refletir e debater interiormente as opiniões dos meus colegas sobre temas intemporais da nossa sociedade. Aposto que ficaria de olhos arregalados, cheia de perguntas. Contar-lhe-ia tudo com entusiasmo, destacando o prazer inesperado de segurar um lápis enquanto escrevia comentários nas margens, como se, a qualquer momento, os autores daqueles artigos pudessem surgir para debater comigo o que escreveram.

Fiquei radiante ao perceber que tantos colegas partilham preocupações sobre questões tão diversas e relevantes da atualidade — desde a violência no desporto, à discriminação de género, à imigração ou à arte. Mais não digo, para não estragar a surpresa!

Ao ler estas verdadeiras obras-primas, fui sublinhando e anotando pontos que me impactaram. Quando dei por mim, todos os artigos tinham algo digno de destaque. É impossível não o fazer — e espero que o leitor concorde comigo. Escolher os textos para a capa não foi tarefa fácil. Cada artigo

obriga-nos a parar e a pensar sobre o que está a ser dito. Ainda assim, senti que fazia sentido dar especial atenção ao artigo da escola do Porto Santo, por levantar uma questão que nunca me tinha ocorrido: a acessibilidade das ruas para cadeirantes. As vezes, só refletimos sobre certos problemas quando eles nos tocam de perto.

Destaco também a escrita envolvente dos alunos da EBS Gonçalves Zarco, que me levou a viajar com eles através do seu projeto Erasmus, e o texto da EBS da Ponta do Sol, que me desafiou a pensar no modo como usamos — ou desperdiçamos — o nosso Tempo. Era como se o artigo tivesse dado voz ao que o meu inconsciente há muito murmurava.

QUERIDO(A) LEITOR(A), CONVIDO-O A LER ESTES TRABALHOS INCRÍVEIS. REFLECTA COM ELES. DELICIE-SE COM AS PERSPETIVAS DOS MEUS COLEGAS. VALE MESMO A PENA.



editor por **UM dia**

Júlia Caldeira

Escola da APEL (Funchal)

É TEMPO DE PARAR O BULLYING



O bullying sempre foi um ato presente nas escolas e em várias partes do mundo. Muitos de nós já passámos por isso ou ainda estamos a passar por esse comportamento cruel proveniente de outras pessoas. O bullying é visto como um ato recorrente, praticado por uma pessoa ou por um grupo, dirigido a alguém considerado mais fraco.

Este tema é abordado em todas as escolas, em vários anos de escolaridade, mas, infelizmente, há quem não dê atenção a essas intervenções e continue com essa prática. Na vida de uma pessoa, o bullying tem grandes impactos negativos e não traz nada de bom, nem para quem sofre, nem para quem pratica. Nestes casos quem pratica também sofre de alguma maneira e, para se sentir bem consigo próprio, faz com que os

outros se sintam mal e sem vontade de sorrir. A escola é vista como uma segunda casa por muitas pessoas, e, de facto, é porque passamos grande parte do nosso tempo lá. Durante esse tempo, não devemos aprender só números e gramática, mas também que todos nós fazemos a diferença e que a escola sem nós não é nada.

Devemos tratar os outros o melhor possível para que se sintam bem, tanto consigo próprios, tanto com os outros com quem partilham o espaço. **Infelizmente, o bullying nas escolas ainda não acabou e, muitas das vezes, evolui para situações desumanas,** como, por exemplo, casos de violência física ou psicológica por parte dos bullies. Nestes casos, o melhor a fazer é procurar ajuda para travar essas situações. Todos nós sentimos e somos feitos de carne e osso, não devemos ser tratados como se não valéssemos nada. ■

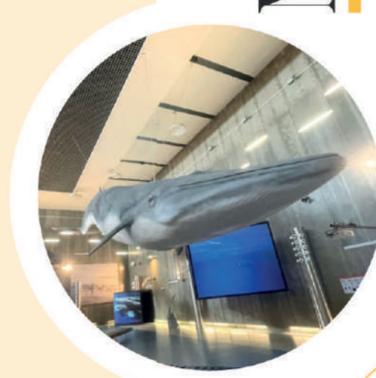
Mesmo tendo diferenças, somos todos iguais!

PEDRO FREITAS
EBS PADRE MANUEL ÁLVARES (RIBEIRA BRAVA)

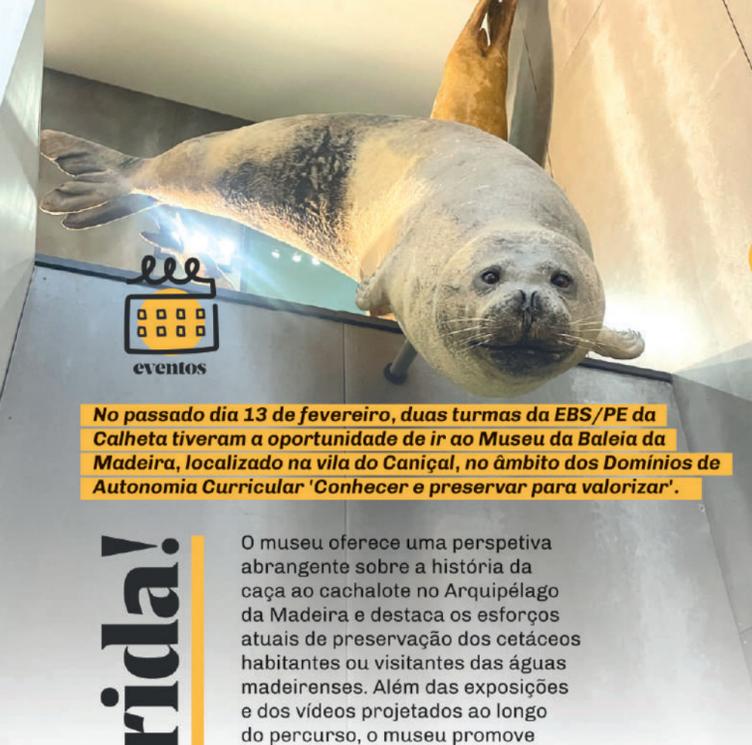


VISITA O NOSSO BLOG

e encontra todas as novidades, reportagens ou notícias na íntegra e ainda muito mais!



Missão cumprida!



No passado dia 13 de fevereiro, duas turmas da EBS/PE da Calheta tiveram a oportunidade de ir ao Museu da Baleia da Madeira, localizado na vila do Caniçal, no âmbito dos Domínios de Autonomia Curricular 'Conhecer e preservar para valorizar'.

O museu oferece uma perspetiva abrangente sobre a história da caça ao cachalote no Arquipélago da Madeira e destaca os esforços atuais de preservação dos cetáceos habitantes ou visitantes das águas madeirenses. Além das exposições e dos vídeos projetados ao longo do percurso, o museu promove ainda atividades e projetos de investigação científica, reforçando o seu compromisso com a preservação marinha. Esta instituição está organizada em duas salas principais: a sala dos cetáceos e a sala da baleação.

A sala dos cetáceos foca-se na vida marinha atual, apresentando modelos em tamanho real de baleias e golfinhos, bem como pequenos filmes sobre a evolução das espécies expostas. Já a sala da baleação transporta os visitantes para as décadas de 1941 a 1981, explorando a indústria baleeira da Madeira.

Inclui temáticas como a rede de processamento industrial das baleias, expondo os produtos extraídos dos cachalotes. Destacam-se dois barcos baleeiros originais e um mosaico de 84 fotografias em homenagem aos baleeiros. A parede cheia de rostos impacta os visitantes, pois, entre as oito dezenas de pessoas podemos encontrar faces jovens, com apenas 14 ou 15 anos. Ou seja, embora este trabalho representasse um massacre para as baleias, serviu de sustento para várias famílias que viviam na pobreza antes desta prática. Assim, com o uso de tecnologia avançada, este museu não se limita a contar a história da caça à baleia na Madeira, mas também promove a consciencialização ambiental e exalta o trabalho e esforço dos baleeiros, cumprindo a sua missão. ■

CARLA CALDEIRA
EBS/PE DA CALHETA



O desafio de ser ATLETA E ESTUDANTE



Se és ou já foste atleta, sabes o quão difícil é equilibrar os estudos com o desporto. **Ser aluno já é um desafio, mas conciliar essa responsabilidade com, pelo menos, três treinos semanais, competições e fins de semana ocupados torna tudo ainda mais exigente.**

Este ritmo intenso prejudica o sono, dificulta a concentração nas aulas e compromete o estudo em casa. Quando o descanso é insuficiente, tanto o corpo como a mente ressentem-se, afetando também o desempenho desportivo. Além do desgaste físico, a prática desportiva envolve uma grande pressão psicológica, sendo uma das principais razões para o abandono do desporto. A expectativa dos treinadores, professores e pais pode gerar medo de falhar, e a dificuldade de adaptação a uma equipa é mais um obstáculo a superar. Seja em modalidades individuais ou coletivas, o desporto

traz inúmeros benefícios para a saúde, mas também tem o seu lado negativo. As lesões são quase inevitáveis e, com elas, surgem as dores, as idas frequentes à fisioterapia, a falta de descanso e, por vezes, a queda no rendimento escolar.

Diante de tantos desafios, **muitos acabam por desistir do desporto para se focarem na escola, o que pode levar a frustrações futuras, especialmente se tinham talento ou viam na modalidade um refúgio para aliviar a mente.** Por outro lado, aqueles que persistem enfrentam frequentemente ansiedade, depressão e esgotamento.

SER ATLETA E ESTUDANTE É UM VERDADEIRO DESAFIO, MAS TAMBÉM UMA OPORTUNIDADE PARA FORTALECER A SAÚDE, DESENVOLVER RESILIÊNCIA, ORGANIZAÇÃO E DISCIPLINA - QUALIDADES QUE FAZEM A DIFERENÇA DENTRO E FORA DO CAMPO. ■

MADALENA GRAVE
ES DE JAIME MONIZ (FUNCHAL)

COMO ESCOLHER O curso certo?



No ensino secundário, sobretudo quando somos confrontados com a seleção das provas de ingresso em que nos devemos inscrever, surge, com frequência, a seguinte dúvida: **será que as minhas decisões vão, efetivamente, ao encontro da carreira que quero ter?**

os cursos, as instituições e as respetivas provas de ingresso, as médias de acesso, pormenores da candidatura, o funcionamento do contingente da Madeira, as vagas, os apoios financeiros e as saídas profissionais.

Foi uma sessão muito proveitosa, conduzida com dinamismo e com a apresentação de situações concretas, que nos permitiram ficar mais conscientes da importância das decisões que, a curto prazo, precisamos de tomar. ■

PEDRO AFONSO
EBS/PE/C DO PORTO MONIZ



DAR UMA OPORTUNIDADE ÀS Artes

A EBS D.^a LUCINDA ANDRADE EM SÃO VICENTE TEM, DESDE 2007, ANO EM QUE ABRIU A PRIMEIRA TURMA DE ARTES VISUAIS, DADO UMA CONTÍNUA OPORTUNIDADE AO ESTUDO DAS ARTES.

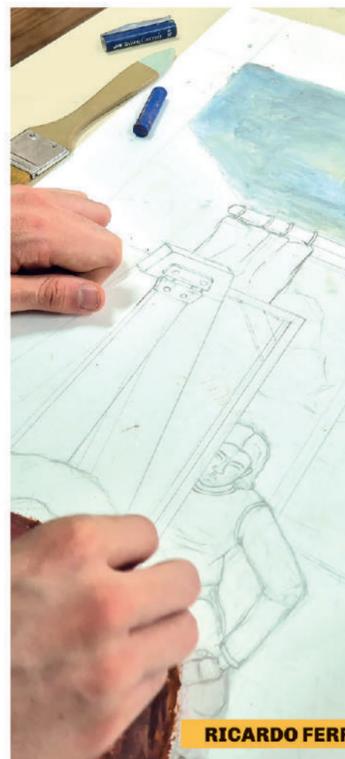
Parece algo pequeno, banal até, mas não nos enganemos: os alunos que se inscrevem nesta escola, no ensino secundário, no curso científico-humanístico de Artes Visuais, são quase sempre em número reduzido. Tal tem sido possível graças ao esforço e à dedicação dos diversos conselhos executivos da escola e o apoio da Secretaria Regional de Educação, que, ao longo dos anos, deram oportunidade aos alunos que quiseram seguir estudos no universo da arte de poderem ficar em São Vicente.

A solução foi – e continua a ser – a criação de turmas mistas, compostas por dois cursos científico-humanísticos diferentes, estando os alunos reunidos nas disciplinas do tronco comum e separados apenas nas disciplinas

de formação específica. No caso das Artes Visuais: Desenho A (trianual), Geometria Descritiva A e História da Cultura e das Artes (bianuais), além das disciplinas opcionais no 12.º ano, Oficina de Artes e Oficina de Multimédia B. Assumindo estas disciplinas específicas dos cursos de Artes Visuais têm estado, desde o primeiro dia, os docentes da escola Dalila Souto e Sérgio Benedito, procurando acompanhar os alunos ao longo dos três anos do curso, dotando-os de competências técnicas e estéticas, mas também estimulando a criatividade e a expressividade individual de cada aluno. Por outro lado, este “dar” oportunidade às Artes não é importante apenas para os alunos interessados nas áreas artísticas, é também fundamental para um ambiente mais inclusivo e criativo na escola, propiciando uma troca de experiências e saberes entre as diferentes áreas artísticas, bem como entre toda a comunidade escolar.

Esta mais-valia de dar oportunidade aos jovens de estudarem no curso que escolheram para a sua vida, mas sobretudo, de poderem permanecer na sua área de residência formará – acreditamos – alunos mais determinados e empenhados, com maior probabilidade de se sentirem realizados e felizes. Por tudo o que foi dito e por ser dada uma oportunidade às Artes

bem hajam!



RICARDO FERREIRA

ANAHIS GOUVEIA,
CARLOS FERNANDES E RICARDO FERREIRA,
EBS D.^a LUCINDA ANDRADE (SÃO VICENTE)



ANAHIS GOUVEIA

CONCURSO ESCOLAR
GRANDE IDEIA
n.º 6 . ABRIL 2025



OS SENTIMENTOS
EMA FREITAS • ES DE JAIME MONIZ (FUNCHAL)

SE ÉS ALUNO DO SECUNDÁRIO, PARTICIPA NA TUA ESCOLA!

JOVENS EM FORMAÇÃO



O Programa Jovens em Formação é um programa que tem como objetivo ocupar o tempo livre dos jovens, proporcionando experiências em diferentes áreas profissionais. Pretende desenvolver o sentido de responsabilidade dos jovens e destinar-se aos estudantes da Região Autónoma da Madeira entre os 14 e os 25 anos. O programa decorre anualmente, entre julho e agosto.

As atividades do programa abrangem áreas como o turismo, o ambiente, a ação social, o desporto, a administração e muitas outras. Os jovens podem escolher a área em que querem trabalhar e podem inscrever-se em entidades ou empresas públicas ou privadas, creches ou estabelecimentos de educação públicos ou privados, entre outros. As entidades que aceitam participar no programa têm o mês de março para se inscrever, ao passo que os jovens formandos têm de se inscrever durante o mês de abril.

Esta é uma experiência que tem vindo a atrair, nos últimos anos, muitos estudantes do Porto Moniz. De acordo com o testemunho de Diana Gabriela, jovem em formação na área de atendimento ao público nas Piscinas Naturais do concelho, «participar no programa jovens em formação é importante, pois conseguimos desenvolver algumas competências a nível profissional. Temos de ser responsáveis!». E acrescenta: «trata-se de uma oportunidade de conhecer novas pessoas. É uma experiência enriquecedora, havendo a oportunidade de aprender coisas novas e de responder a desafios.» Destaca-se, assim, a importância que esta experiência tem para a capacitação dos jovens para o mundo laboral e para a definição da área profissional na qual pretendem enveredar, uma vez que lhes permite desenvolver uma série de competências e aprendizagens a partir da realização de tarefas práticas.

Do ponto de vista das entidades formadoras, este programa é, também, uma mais-valia, como nos explicou o colaborador da Junta de Freguesia do Seixal que ficou responsável por orientar o jovem na área de administração:

«TER UM JOVEM A TRABALHAR COMIGO É UMA MANEIRA DE DIVIDIR A CARGA ADMINISTRATIVA, DÁ-ME A POSSIBILIDADE DE FAZER AS TAREFAS QUE TÊM MAIS ATRIBUTO DE RESPONSABILIDADE E AS QUE TÊM MENOS ATRIBUTO DE RESPONSABILIDADE PARA O JOVEM. É UMA MANEIRA DE SABER COM O QUE É QUE O JOVEM SE IDENTIFICA, SE GOSTA OU NÃO.»

Assumindo-se como um projeto aliciente, quer para os jovens, quer para as entidades que os acolhem, o Programa Jovens em Formação reúne características que têm vindo a ser cruciais para o sucesso que tem no concelho do Porto Moniz.

SARA VIEIRA

EBS/PE/C do Porto Moniz



COM FÉ VOAMOS MAIS ALTO



ANA BEATRIZ NUNES
EBS de Machico



POESIA

SERÁ QUE PASSEI DOS LIMITES?

Será que ultrapassei o limite?

Chorar não é do teu feitio...
Mas que sei eu de ti?
Não sei onde estás agora...

Será que ultrapassei o limite?

Gostaria de explicar melhor...
Tu poderias ser melhor...
Só plantaste a tristeza em mim.

Será que ultrapassei o limite?

Afastei todos por ti
Porque era uma criança,
Agora... amadureci e vi:
Tu não queres saber.

Fiz parecer que não doía...

Mas no fundo, a alma ardia
Como uma febre ardente
Que me consumia...

Afinal longe de ti

Fico mais feliz...
Separamo-nos como o dia escurece
O dia se vai, e a solidão fortalece-me.

Só queria paixão vinda de ti

Só queria aquilo que eu te dei
Mas talvez deveria ir dormir...

Para ser sincero:

Não te esqueci,
Mas não posso perder outra vida
Só quero conseguir sair daqui...

Tentei viver no preto e branco

Mas sinto-me tão azul,
Tão cinzento...
Não te culpo.
Mas não posso mudar-te.

Momentos bons não duram, pois não?

De que vale dar-me a ninguém?
Talvez... seja eu o problema.

Eu sei que não me querias magoar,

Por isso guardei tudo para mim
Todas as vezes que esperei,
Para me queres ver nu.

Eu amei-te...

Eu amo-te.
Mas... deixa-me em paz.

Já ultrapassei o limite.

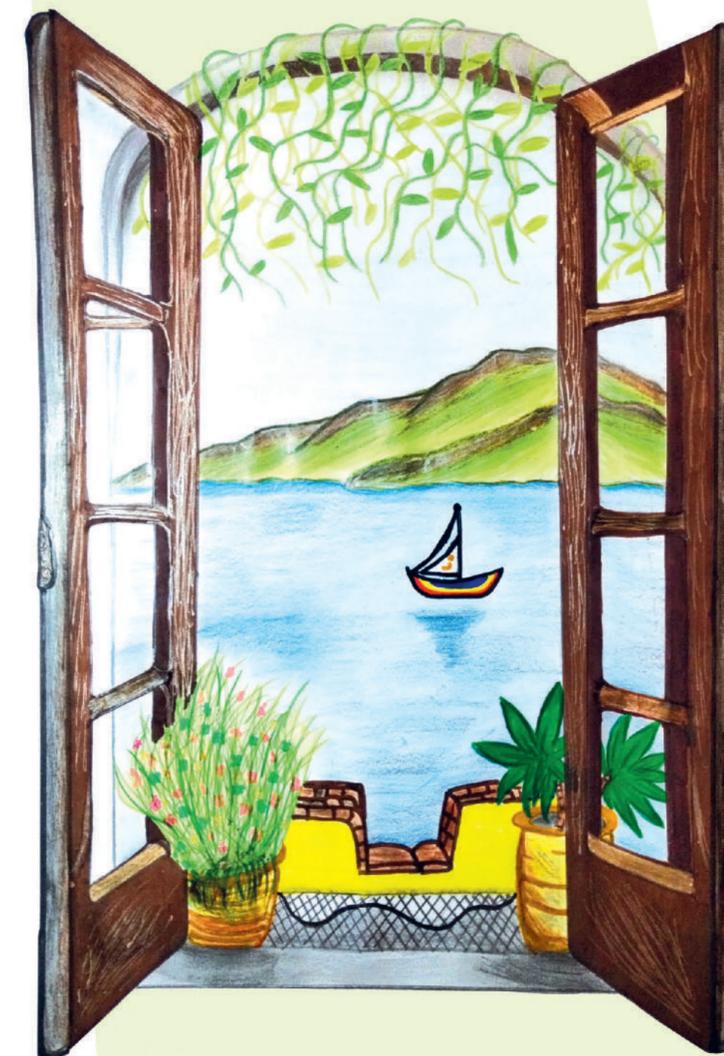
JOSÉ TIAGO CARVALHO

EBS da Ponta do Sol



PORTAS E JANELAS
DA MINHA CIDADE

A MENTE ABRE JANELAS DE VIAGEM



CATARINA FERREIRA

EBS Gonçalves Zarco (Funchal)

CON TO

VALE SEMPRE A PENHA ACREDITAR

Era uma vez uma jovem chamada Isabel. Era solitária, com pais falecidos e sem amigos. Viviam com a sua avó numa pequena casa de campo e desejava ter superpoderes, pois acreditava que isso a ajudaria a fazer amizades e a ser aceite. Contudo, Isabel temia a capacidade de ler mentes, uma vez que a ideia de ouvir pensamentos alheios era assustadora. Receava saber o que as outras pessoas pensavam sobre ela. Ao completar catorze anos, a sua avó entregara-lhe uma caixa especial, um presente deixado pelos seus pais e que só poderia ser aberto por ela e na idade que agora completara. Curiosa, abriu a prenda e, inesperadamente, encontrou-se envolvida numa explosão de cores. Ao ser questionada pela sua avó acerca do misterioso presente, Isabel apenas balbuciou "arco-íris". A avó, inquieta, não percebia e Isabel estava assustada, pois parecia-lhe ser capaz de ouvir os pensamentos da sua querida avó. O seu maior medo tornara-se realidade! Como poderia viver ouvindo o que os outros pensavam sobre ela? Como poderia suportar saber as verdades não ditas? Os dias passavam e, embora tentasse ignorar, não deixava de ouvir vozes, revelando segredos e sentimentos ocultos. Como tal, evitava olhar diretamente para as pessoas, pois sabia que, assim que fizesse contato visual, os seus pensamentos invadiriam a sua mente. No entanto, algo curioso aconteceu na escola, durante uma aula de Matemática. A professora pediu-lhe que resolvesse um problema no quadro. Nervosa, olhou para a professora e escutou os seus pensamentos, obtendo as respostas. Com precisão, respondeu corretamente às questões.

Aos poucos, Isabel percebeu que este dom poderia ser útil: conseguia entender melhor os professores e antecipar as suas explicações. As matérias que outrora eram difíceis tornaram-se fáceis, mas isto não passou despercebido e os seus colegas, antes distantes, começaram a aproximar-se. Queriam aprender com ela e que ela os ajudasse com o estudo. Assustada, Isabel receava eventuais segundas intenções, mas consoante passava mais tempo com os seus colegas, percebia que alguns deles gostavam dela. Fez amizades e sentiu que se integrara. Passou a conseguir descontrair, embora houvesse momentos em que se sentia sobrecarregada por ouvir pensamentos indesejados. Descobria segredos que não queria saber e percebia mentiras. Isso deixava-a triste. Um dia, enquanto caminhava pelo pátio da escola, ouviu os pensamentos de uma menina chamada Laura, que estava sentada num banco, sozinha. A Laura sentia-se só e desejava desaparecer. Isabel aproximou-se e conversaram. Percebeu que a sua habilidade poderia ser usada para confortar os outros e passou, por isso, a alimentar o seu dom, com a noção de que nem todos os pensamentos negativos eram verdadeiros e de que, muitas vezes, as pessoas tinham medo de mostrar os seus sentimentos. Não eram os superpoderes que traziam amigos, mas sim, a sua atitude.

A HISTÓRIA DE ISABEL É A PROVA DE QUE É POSSÍVEL ENCONTRAR UM CAMINHO PARA A FELICIDADE.

MAFALDA DOS SANTOS
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo (Câmara de Lobos)



E DO NADA TUDO PAROU...

"HOJE TU PODES SER ASTRONAUTA"

SE VÓS DISSÉSSEM ISTO, RECUSARIAM?

"Thirty, Forty, Injection"... Com 17 anos é difícil pensar que apenas três palavras vão preceder a sensação inigualável que é ter o corpo completamente a flutuar. Isto deu-se no dia 29 de setembro de 2024, na Base Aérea n.º 11, em Beja, após eu, Daniela Ferraz, e mais 29 jovens de todo o país entrarmos a bordo de um Airbus A310.

Esta é uma iniciativa da Agência Espacial Portuguesa, já conta com três edições e permite que residentes em Portugal dos 14 aos 18 anos participem gratuitamente num voo parabólico. Ao todo, candidataram-se 631 alunos, mas apenas 30 conseguiram passar as cinco fases e agarrar-se à oportunidade. Durante este tipo de voo, o avião alterna entre subidas e descidas acentuadas, criando períodos de microgravidade no topo de cada parábola. Nas subidas e descidas, experienciamos hipergravidade, sentimos quase o dobro do nosso peso, enquanto na fase de microgravidade pairamos como se estivéssemos no espaço.

«É MUITO FÁCIL DESENVOLVER AMIZADES AQUI»

resumiu Jorge Santos, um dos jovens participantes nesta aventura. Apenas quatro dias cheios de atividades e de convivência constante tornaram um grupo de estranhos em grandes companheiros. A nossa jornada iniciou-se antes mesmo de chegarmos à base aérea. Visitámos o Centro de Ciência Viva, em Lisboa, e brincámos na viagem toda até Beja. Destacaram-se, ainda, a tarde que passámos a simular que éramos recrutas militares com lições focadas em autoconhecimento e a observação astronómica com um telescópio do meu tamanho! No dia 4, embarcámos prontos, ou talvez nem tanto, para sentir o indescritível. Em cerca de duas horas, contando com 15 parábolas, experimentámos uma vez a gravidade marciana, duas a lunar e, depois, a sua ausência. Fizemos proezas como flexões com pessoas às costas, saltos e mortais com imensa facilidade. Explodimos balões de água, que formaram esferas perfeitas. Sentámo-nos no teto, apenas pairámos, voámos e ainda tentámos nadar no ar, este último sem sucesso. Durante a hipergravidade, púnhamo-nos de pé e sentíamos o nosso próprio peso a tornar-se avassalador. Estes voos são usados para treinar astronautas, portanto não são muitas as pessoas que neles conseguem embarcar. Num total de 91 finalistas, apenas uma é madeirense. Tive a honra de estreitar a R.A.M. naquele avião, tendo o apoio da DRJ e contando com a presença do Senhor Secretário, Jorge Carvalho, no dia do voo. «Isto vai estar comigo até o fim da minha vida» – Daniel Merten

ISTO É SER ASTRONAUTA POR UM DIA.

DANIELA FERRAZ
ES de Francisco Franco (Funchal)



1.º DE MAIO NUMA CARTA

– Mãe, chegámos! – anunciei. A minha mãe correu na nossa direção. Com os olhos lacrimejantes, revistava os meus braços finos para se certificar de que eu estava bem. – A mãe devia ter estado lá! Por todo o lado, as pessoas gritavam que o povo estava unido e que este iria acabar com o fascismo na Madeira. Foi emocionante! – proclamei, sem conter o entusiasmo. O meu pai, que vinha atrás de mim, amparou a minha mãe, ainda trémula, contando-lhe mais pormenores da manifestação, enquanto eu, sem pensar duas vezes, comecei a escrever uma carta ao meu irmão: «Olá, mano João, Trago-te novidades daqui da Madeira, embora acredite que aí, em Angola, as boas notícias já tenham chegado. Há poucos dias, durante o jantar, o nosso pai mostrou um panfleto, que estavam a distribuir pelas ruas do Funchal, anunciando uma manifestação para o 1.º de maio. A mãe ficou em pânico! Lembro-me de ouvi-la dizer que a "PIDE" ainda andava pelas ruas do Funchal e que, por isso, receava que o pai fosse preso, mas ele retorquiu, afirmando que, apesar de Marcelo Caetano e Américo

Tomás estarem na nossa ilha, já não tinham o poder de nos fazer mal e, num tom firme, declarou: – Nazaré, eu vou a esta manifestação! Temos de lutar por melhores condições de vida e os portugueses já estão fartos da guerra colonial. Não tens saudades do teu filho!? Não há nada a temer, minha mulher! Em Lisboa, com a Revolução dos Cravos, as pessoas falam livremente e os madeirenses têm de continuar a suportar a ditadura, mesmo depois do sucedido!? A Madeira não é um caixote do lixo onde podem depositar os cônsules do autoritarismo. Temos de acabar com o fascismo, e é já! – Pai, posso ir contigo? – pedi-lhe. As palavras do pai encorajavam qualquer um, mano. Ele respondeu afirmativamente, já a mãe suplicava para eu não ir. Sabes o que lhe disse o pai? – Ele vai, que é para aprender como é que se faz! Hoje foi o dia, meu irmão! Chegámos ao Largo do Colégio às 10 horas. As pessoas juntavam-se e conversavam sobre o futuro. Havia mulheres, crianças, jornalistas, operários... todos estavam ali. Depois,

seguimos até ao Palácio de São Lourenço. Éramos cada vez mais. Muitos trouxeram cartazes, bandeiras, folhetos e, enquanto faziam o símbolo de paz com os dedos, gritavam poderosamente: «A Madeira não é um caixote do lixo!», «Fascismo nunca mais!», «Independência das colónias e regresso dos soldados!». Finalmente, a liberdade tinha chegado à nossa terra, diziam eles. Pelo que ouvi dos mais velhos, o brigadeiro Lopes da Eira ainda tentou proibir a manifestação, mas o povo não ia perder a oportunidade de se manifestar neste dia – o DIA DO TRABALHADOR – de forma livre, pela primeira vez desde 1926! Espero nunca esquecer o dia de hoje! Acredito que, muito em breve, irás voltar para casa, que o pai terá melhores condições de vida e que a Marlene, a nossa irmã, ainda há de ir para a escola.

Até breve, meu amado irmão!

ASSINADO: LUÍS, >>

- Webgrafia:**
- https://www.publico.pt/2014/04/27/politica/noticia/a-censura-ainda-funcionou-no-dia-25-de-abril-na-madeira-1633320
 - https://arquivo-abm.madeira.gov.pt/viewer/descriptions/1335220/2831193
 - https://arquivos.rtp.pt/conteudos/manifestacao-do-1-de-maio-no-funchal/

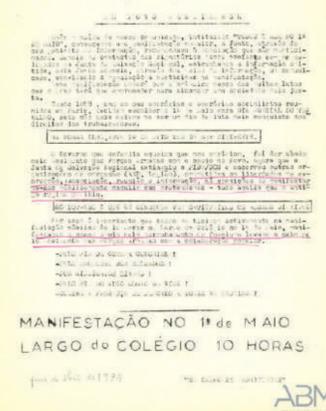


OS SENTIMENTOS



EMA FREITAS
ES de Jaime Moniz (Funchal)

VIVA O DIA MUNDIAL DOS TRABALHADORES!



Panfleto anunciando a manifestação



Manifestação na Madeira 1 de maio 1974

JÚLIA CALDEIRA
Escola da APEL (Funchal)

O AROMA DAS PÁGINAS

A chuva caía suave, desenhando pequenos rios ao longo das janelas da cafeteria. O aroma do café misturava-se com o cheiro a papel antigo das prateleiras alinhadas contra a parede. Ela folheava um livro com delicadeza, os seus dedos deslizando pelas páginas já amarelas, absorvendo cada linha como se cada palavra fosse um mero segredo sussurrado. Sentia-se em casa ali, entre histórias que não eram suas, mas que pareciam conhecê-la. Não reparou nele de imediato. Sentado na mesa ao lado, segurava um caderno de capa preta, com um detalhe em branco que parecia uma lua, a caneta fluía sobre a página em branco. Ele escrevia pausadamente, interrompendo-se para olhar pela janela, como se tentasse captar algo que não tivesse lá presente, algo invisível. Houve um instante. Um movimento, uma hesitação. Os olhares cruzaram-se. Ela desviou o olhar primeiro, voltando ao livro, mas agora as palavras confundiam-se. Sentiu um leve calor no rosto, como se tivesse sido apanhada num momento demasiado íntimo. Ele, por sua vez, continuou a observá-la por mais um segundo antes de regressar ao seu caderno, o traço da caneta agora mais decidido.

A tarde dissolveu-se entre páginas viradas e letras traçadas. Nenhum dos dois disse uma palavra, mas algo se instalava entre eles. Um fio que parecia invisível, mas real ao mesmo tempo, algo que não tinha uma descrição concreta.

Quando a chuva abrandou, ela fechou o livro e levantou-se. Passou pela mesa dele, notando os versos escritos no caderno, mas não os leu. Apenas sorriu levemente antes de sair. Ele ficou para trás, observando a porta fechar-se. Depois, baixou os olhos para a página. Entre as suas próprias palavras, tinha um bilhete, com um nome, deixando ali com uma caligrafia que podia se descrever como



perfeita. Lá fora, a chuva recomeçava. Mas agora, havia algo que o impedia de ir embora. O aroma do café desaparecia lentamente enquanto ele fitava o bilhete na página. Os traços eram delicados, desenhados com precisão, como se cada letra tivesse sido escrita com intenção. O mundo lá fora continuava a sua dança sob a chuva, indiferente ao instante que acabara de se formar. Mas ele não conseguia levantar-se, o caderno permanecia aberto, a caneta imóvel. O nome dela.

Olhou para a porta, depois para a cadeira vazia. O espaço que ela ocupava parecia ainda quente, como se a sua presença se recusasse a desaparecer tão depressa. Inspirou fundo, fechou o caderno e levantou-se. Lá fora, as ruas brilhavam sob as luzes húmidas. A multidão avançava com pressa, perdida em guarda-chuvas e passos apressados. Então, entre reflexos distorcidos nas montras e o som da chuva a bater na calçada, avistou-a. Ela caminhava devagar, os dedos ainda a tocar a lombada do livro. E, por alguma razão que não compreendia, ele soube que aquele não era o fim.

APENAS UM NOVO COMEÇO.

MARIA FRANCISCA DE SOUSA
EBS de Santa Cruz

Imagem:

https://pt.pinterest.com/pin/330451691426056504/sent/?invite_code=6c589edd23e14ea89cfb8dd2ad6b128&sender=950470833766248432&so=1



POESIA

DE UM SOLDADO

**Aqui, o frio da morte me acolheu,
Eu descanso, mas não como o herói que pensaste.
Meu corpo caiu, o peso da guerra venceu,
E, agora, minha alma não é como imaginaste.**

**Não, não culpes os deuses, nem olhes para o alto,
Foi a guerra, fera cruel, que me tomou.
Minha espada tremia, e eu sabia
Que o destino, feito de sangue, me alcançaria.**

**Agora, no Hades, confesso a verdade,
Não fui deus, nem mesmo semideus.
Fui um homem só, diante da eternidade,
Desejando de ser digno de chegar aos céus.**

**Tu chamaste-me de bravo, mas nunca fui tanto,
O aço que empunhei não me fez imortal.
E agora, no silêncio, confesso meu pranto,
Não fui invencível, nem algo especial.**

**Sei que esperas por minha glória, por meu retorno em flor,
Mas, por favor, não sonhes com quem eu não sou.
A guerra me moldou em um homem sem cor,
Eu amava-te, mas falhei, e o fim me encontrou.**

**Então espero por ti, minha Penélope, enfim,
onde a guerra e o tempo não nos possam partir.
No tecer de outra vida serás para mim
O amor que não pudemos viver.**

**Até então, meu amor,
Lembra-te de mim nas noites de luar
E nas terras sem fim,
Onde, no teu olhar, o vento possa dançar.**

SARA SANTOS

EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)



PORTAS E JANELAS
DA MINHA CIDADE

RAÍZES À DERIVA



ANA JARDIN

EBS/PE da Calheta

LÁGRIMAS NA ENCOSTA O FIM DO CAMINHO DE FERRO DO MONTE



INVESTIGAÇÃO
HISTÓRICA

Ainda retenho na minha memória com vívida nitidez aquele fatídico dia 10 de setembro de 1919. O sol, outrora fulgurante, emanava agora um brilho mortiço sobre a Figueirinha, enquanto o vapor da locomotiva do Caminho de Ferro do Monte impregnava o ar com um odor metálico, tantas vezes sinónimo de aventura para a minha alma juvenil. Naquela época, aos 22 anos, exercia a função de auxiliar na estação do Monte. Nesse trágico dia, encontrava-me a bordo do comboio, zelando pela correta verificação dos bilhetes e assegurando a normalidade da viagem. O comboio, para nós, transcendia a sua designada função de meio de transporte; era o coração pulsante que ligava as gentes, os sonhos e as necessidades de quem vivia naquelas encostas.

O comboio ascendia lentamente, num ritmo cadenciado, enquanto eu contemplava, extasiado, a longínqua vista da baía do Funchal. Subitamente, um estalido seco ecoou, um som dissonante que não pertencia àquele cenário invadira a serenidade. Antes que pudesse reagir, o vagão estremeceu violentamente, gritos lancinantes romperam o silêncio, e o mundo precipitou-se no caos.

A caldeira da locomotiva havia explodido, e o comboio descarrilou num instante. Fui arremessado contra a parede do vagão, e o calor das chamas lambia o ar à minha volta. Quatro pessoas foram dadas como mortas naquele dia, e eu, com queimaduras nos braços e um profundo corte na perna, sobrevivi por um milagre divino. Enquanto me arrastava para fora dos destroços, testemunhava o pânico nos olhos dos outros feridos, que eram às dezenas. Jamais me esquecerei dos rostos daqueles que não partilharam da minha sorte.

Os anos passaram, mas as feridas persistiram indelévels. Porém, o que mais me afligia não era apenas a reminiscência daquele dia trágico que se tornara parte de mim, mas sim o que se seguiu. Em 1943, deu-se o encerramento oficial do Caminho de Ferro do Monte. Alegavam dificuldades financeiras da Companhia, que se arrastavam há alguns anos, e que o acidente apenas agravara a situação. Mas para mim, e para tantos outros, o Monte representava mais do que meros números num livro de contas. Era o nosso sustento, a nossa ligação ao mundo exterior, à Ilha da Madeira como a conhecemos. O comboio do Caminho do Monte impulsionou

o progresso, levou os nossos produtos ao mercado, atraiu visitantes de terras longínquas. Era um símbolo de esperança. Ao tomar conhecimento do encerramento, verti lágrimas copiosas. Não apenas pelo fim de uma era, mas porque sabia que, sem o comboio, a vida naquelas encostas jamais seria a mesma. O Monte não merecia um fim tão inglório. Era a nossa ponte para o futuro, e, apesar do acidente, daria tudo para ouvir novamente o apito da locomotiva a ecoar pelas colinas.



Fontes:

- Desastre ferroviário no Caminho de Ferro do Monte | 1919-09-10, in <https://cultura.madeira.gov.pt/olhares-sobre-o-passado/6359-desastre-ferrovi%C3%A1rio-no-caminho-de-ferro-do-monte-1919-09-10.html> (consult. a 15-03-2025)
- Acidente com o comboio da "Companhia do Caminho de Ferro do Monte", Freguesia de Santa Luzia, Concelho do Funchal, (Diário de Notícias, Funchal, 1919.09.11, p. 2); Arquivo Regional da Madeira in <https://arquivoabm.madeira.gov.pt/descriptions/2661530> (consult. a 15-03-2025)
- Caminho de Ferro do Monte foi inaugurado há 131 anos, Andreias Dias Ferro, Diário de Notícias, Funchal, 16 de julho de 2024, in <https://www.dnoticias.pt/2024/7/16/413081-caminho-de-ferro-do-monte-foi-inaugurado-ha-131-anos/>, (consult. a 15-03-2025)

MARIA LEONOR FREITAS

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



O ÚLTIMO ADEUS

O verão, na minha ilha, não acaba de repente. Ele afasta-se lentamente, como as pegadas na areia levadas pelas ondas do mar. Ainda assim, a despedida não se torna menos difícil.

Naquela manhã, quando acordei, soube que seria um dia emocionante, desde alegre a nostálgico.

NÃO QUERIA ACREDITAR QUE SERIAM OS ÚLTIMOS MOMENTOS DE PAZ E DESPREOCUPAÇÃO, DE BOAS MEMÓRIAS E DE BOA VIDA.

Por esse mesmo motivo, queria fazer o dia valer a pena. Vesti o fato de banho e arrumei o saco de praia. Coloquei os óculos de sol e enviei uma mensagem no grupo de amigos: «Estou a sair agora». Encontrámo-nos dez minutos depois da hora marcada, no lugar de sempre. Almoçámos todos juntos e, logo a seguir, fomos para a praia. Estendemos as toalhas e sentámo-nos uns de frente para os outros, como era habitual. Conversámos sem parar e rimos até a barriga nos doer. Um dos rapazes, o Tomás, suspira, e ainda a recuperar das gargalhadas, diz:

– Não acredito que amanhã, por esta hora, estaremos todos na escola.
– Nem parece real. Não me quero despedir de vocês, muito menos da ilha – lamentou a Catarina.
Há poucos anos, o seu pai recebeu uma proposta de trabalho no Porto. Mudaram-se e, como a coisa acabou por correr bem, ficaram por lá. A Catarina visita-nos todos os anos, no verão, mas é difícil não a ter por perto. Sabemos que leva sempre consigo, seja para onde for, um pedaço da ilha. Um pedaço de nós. No entanto, quem fica tem de aprender a conviver com o vazio que quem parte deixa. E nós ainda estamos a aprender.
– Foi um bom verão – murmurou o Diogo.
– Sem dúvida. Mas não fales como se já tivesse terminado – comentei, numa tentativa de descontrair. – Alguém quer ir ao mar? Levantei-me e corri pela praia, sentindo a areia quente queimar-me os pés. Atrás de mim, o pessoal gritava, enquanto o vento levava as suas risadas para longe. As ondas estendiam-se à beira-mar, como um suspiro do oceano, beijando a areia. Sentí os salpicos refrescantes chegarem-me à pele. Mergulhei na água morna e cristalina, e sorri. Lembro-me de me sentir tranquila. É isso que o mar nos faz, acalma o coração e instala paz na mente.

LIMPA A ALMA.

Perdemos a noção do tempo. Divertimo-nos na água, passeámos pela praia e, num instante, o sol já se escondia no horizonte. Os tons alaranjados, pouco a pouco, espalharam-se pelo céu, pintando um pôr-do-sol deslumbrante. Digno do último dia de verão. Sentámo-nos na areia a contemplá-lo, em silêncio. Na praia, agora quase vazia, só restava o som do mar e o sopro da leve e fresca brisa. Fechei os olhos. Queria eternizar aquele momento.
– O verão devia durar para sempre – disse o Diogo, enquanto desenhava na areia.
– Talvez dure – respondeu o Tomás, atirando uma pequena concha ao mar – nem que seja dentro de nós.
– Sabem qual é a melhor parte? – perguntei.
– O verão volta sempre. Para o ano há mais. A Catarina sorriu:
– Sim, para o ano há mais.
O vento, por um instante, soprou intensamente. Pareceu que o verão nos deu um último adeus.

Um último até já.

MATILDE VELEZ

EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)

ATÉ JÁ



POESIA

MEMÓRIAS D'UMA INFÂNCIA

Em tempos idos, tudo era colorido, A vida era doce, era comum. Corríamos livres, de alma lavada, A construir castelos, um a um.

Sob o céu azul profundo, Brincávamos horas a fio. A imaginação voava alto, Num mundo mágico e sadio.

A relva macia servia de suporte, Onde rolávamos sem hesitar. E o nosso riso ecoava bem forte, Quebrando a paz que reinava no ar.

Mas o tempo passa, a vida corre, E a infância se vai, sem nos avisar. Só as lembranças ficam guardadas, No nosso coração, para sempre relembrar.

LUANA SILVA

EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)



"QUEM É TU, SYUL?" A MARCA DE RELÓGIOS DE SANTANA



INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

Sempre havia sido uma criança irrequieta, desde os primeiros movimentos no útero. Entusiasta, com determinação inquebrável e tantas e tantas perguntas na ponta da língua. Com 10 anos, agora, está empenhado em fazer uma apresentação na escola sobre a ilha em que nasceram os seus antepassados, terra que visitamos quando a vida permite. Certo sábado, pedi-me para jogar no computador do escritório. Quando inseri a password a alegria foi evidente. Logo depois, encheu-me de beijos e, quando dei por mim, estava a caminho do trabalho, a pensar nas palavras meigas que tinha dito.

Ao chegar a casa, a primeira coisa que vejo quando abro a porta é o Luís, deitado sob o tapete da sala, juntamente com a Glória. À sua volta, incontáveis objetos e, no canto, a caixa onde guardo tudo o que vim a colecionar da Madeira. Fotografias, lenços bordados, chaves de casa, uma pedra de calçada, receitas da minha avó, bilhetes de concertos.

– Ele não se contentou com a pesquisa digital. – Glória suspira, ainda que com um ar cómico.

– Cala-te! – diz Luís, que persistia em analisar tudo. – Vá, arrumem isso direitinho e coloquem no lugar, já. – digo, já sem paciência. A noite caiu, a caixa voltou ao local de origem, e retornei ao escritório. Quando saí, pouco antes do jantar, Luís estava no quarto.

– Mãe, que relógio é este? – ele pergunta ao tirá-lo do bolso. – Eu sei que disseste para arrumarmos tudo, mas... era algo daquele negócio de família? Pousa o olhar no relógio e o tempo para. Tinha voltado a Santana, à infância, às montras da Relojoaria Freitas, lá plantada desde os anos 60 do século XX, às tardes passadas naquela loja tão rica em memórias. E, principalmente, à questão que antes de ser dele também foi minha, muitos anos antes.

– É sim... mas é mais do que isso. Esse é um relógio que estava de facto na relojoaria, da marca do teu bisavô.

– O bisavô que tem o meu nome? – ele pergunta. – Ele tinha uma marca? Em Santana?

– Sim. – asseguro. – A avó Glória dizia que ele era um verdadeiro engenhocas. Era muito mais que um relojoeiro e ourives.

– Como assim?

– Ele não se deixou ficar pelo que existia aqui ou no Porto da Cruz, terra do pai; viajava muito ao Porto. Foi de lá, talvez, que surgiu a ideia de trazer uma nova marca. Então, além da relojoaria e ourivesaria, também chegou a inaugurar uma sala de cinema e um estúdio fotográfico naquilo que é hoje a casa da avó... Até vendeu fogões, sapatos e gesso!

O Luís fica de semblante espantado até exclamar "UAU!", com a intensidade idêntica com que eu o fiz quando me contaram o mesmo em tenra idade. Perguntei a mim mesma, como seria um diálogo entre os dois, de Luís para Luís.

– Mãe, a marca, SYUL, é o nosso nome ao contrário, não é? – questiona.

– Sim, espertalhão! – respondo, ainda surpreendida com o seu raciocínio.

– Sabes que a primeira coisa que pensei quando vi o nome da marca foi... – Quem és tu, SYUL? – preferimos em uma só voz.

Bibliografia:
■ <https://madeira.rtp.pt/local/syul-a-marca-de-relogios-criada-em-santana/>

NÁDIA ORNELAS

EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)



opinião

IMIGRAÇÃO Uma controvérsia atual

A emigração sempre fez parte da história de Portugal, um país que, ao longo de décadas, viu a saída dos seus cidadãos para outras nações.

Atualmente, assiste-se ao fenómeno inverso, com a crescente imigração de estrangeiros para o nosso país em busca de novas oportunidades. Este fenómeno tem um impacto significativo na sociedade, na economia e na cultura portuguesa. Quero deixar claro desde o início: não sou contra os imigrantes, sou contra aqueles que vêm de forma ilegal para o nosso país e não acrescentam riqueza à nação. Portugal deve ser um local de oportunidades para aqueles que desejam contribuir de forma positiva, respeitando as leis e trazendo benefícios para o país que os acolhe.

A imigração legal, quando bem estruturada e organizada, pode ser extremamente benéfica. O país necessita de trabalhadores em diversas áreas, desde a tecnologia até a setores essenciais como a saúde e a construção civil. Um bom imigrante é aquele que traz valor ao país, seja através da sua mão-de-obra qualificada, de investimentos ou de uma contribuição cultural e social enriquecedora.

No entanto, a imigração ilegal pode gerar desafios, tais como a pressão sobre os serviços públicos e problemas de segurança. É fundamental que as políticas de imigração sejam bem reguladas para garantir que aqueles que chegam ao país tenham condições de se integrar de forma produtiva e respeitosa.



Portugal tem sido um destino atrativo para muitos imigrantes nos últimos anos, e a diversidade pode ser uma grande riqueza se for bem administrada. O equilíbrio está em acolher aqueles que vêm para somar, respeitando as regras do país e contribuindo para o seu desenvolvimento.

DEFENDER UMA IMIGRAÇÃO LEGAL E ORDENADA É UM POSICIONAMENTO RESPONSÁVEL EM PROL DO CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL DO PAÍS.

Finalmente, um fluxo migratório bem gerido pode trazer inovação, dinamismo económico e multiculturalidade, tornando Portugal um país ainda mais forte e próspero. ■

TIAGO FERNANDES

EBS DR. ÂNGELO AUGUSTO DA SILVA (FUNCHAL)



opinião

MOBILIDADE E ACESSIBILIDADE NA ILHA DO PORTO SANTO

NO ÂMBITO DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA, FIZ UM ESTUDO SOBRE A MOBILIDADE E ACESSIBILIDADE AOS EDIFÍCIOS NO CENTRO DA NOSSA CIDADE. ESTUDEI CERCA DE 100 EDIFÍCIOS, CONTACTANDO COM OS SEUS RESPONSÁVEIS. TODOS FORAM SIMPÁTICOS, REAGINDO DE FORMA POSITIVA E VALORIZANDO A MINHA INICIATIVA.

De uma forma geral, a maioria dos edifícios públicos da ilha dourada (cerca de 90%) apresenta boa acessibilidade (natural ou artificial) para as pessoas com mobilidade reduzida, nomeadamente os que se deslocam em cadeira de rodas. Quanto aos edifícios comerciais privados, cumprem, na sua maioria, as normas e leis relativas à acessibilidade, e os seus proprietários e colaboradores estão sensibilizados para esta temática. Alguns prometeram corrigir as anomalias detetadas.

nas filas, colaboração no transporte das mercadorias, conserto gratuito dos óculos do Paulo. Como é óbvio, nem tudo é um mar de rosas, pois detetei as seguintes barreiras arquitetónicas: **a calçada no centro da cidade e nos passeios não é muito agradável, provocando estragos nas cadeiras; os edifícios mais antigos apresentam vários obstáculos à mobilidade; alguns edifícios comerciais não possuem WC adaptado; há ausência de rampas temporárias em vários edifícios; e, por vezes, algumas atividades económicas exigem tanta área útil que resta pouco espaço livre para a circulação.**

90%

DOS EDIFÍCIOS PÚBLICOS DA ILHA DOURADA APRESENTAM BOA ACESSIBILIDADE (NATURAL OU ARTIFICIAL) PARA AS PESSOAS COM MOBILIDADE REDUZIDA

Durante o estudo, assistimos a diversas situações em que ficou provada a empatia entre comerciantes e clientes cadeirantes — como a cedência de prioridade

A concretização deste trabalho escolar só foi possível com a inestimável colaboração do Paulo Faria. Uma paralisia cerebral à nascença deixou o Paulo numa cadeira de rodas. Apesar das adversidades, concluiu a escolaridade obrigatória na nossa escola. É um cidadão atento e exigente. Fica também um agradecimento à Lubélia Melim, bibliotecária da escola, pela motivação transmitida. ■

RODRIGO RODRIGUES

EBS/PE/C PROF. DR. FRANCISCO DE FREITAS BRANCO (PORTO SANTO)





A ETERNA BUSCA PELA perfeição

Desde que me conheço, que me defino como uma perfeccionista. E a verdade é que existe uma linha muito ténue entre essa característica ser saudável ou transformar-se numa frustração interna. Reflete-se, então, se o desejo de alcançar a perfeição é benéfico ou prejudicial para o ser humano. Na minha ótica, é bom sonharmos e lutarmos para atingirmos a perfeição; no entanto, temos de reconhecer que esta não passa de um ideal regulador.

Comecemos por analisar o conceito de perfeição. Segundo os dicionários, é o "grau de excelência, bondade ou beleza a que pode chegar algo ou alguém." Mas será isto possível? Por mais que nos aproximemos, por mais que detetemos todo e qualquer erro ou pormenor a melhorar, a perfeição é

– e será sempre – impossível. Tendo esta ideia bem assente, parece-me preferível aceitar que apenas nos aproximaremos dela.

A cada ação que tomamos e a cada idealização que temos, para tornar real a nossa ambição, há que trabalhar. Num exemplo prático: para uma artista conseguir produzir uma obra-prima, esta terá de se esforçar para tentar atingir todo o seu potencial, de modo a evoluir como artista. No final, a sua obra refletirá o caminho que percorreu para chegar a algo de grande valor. Observamos, assim, como a busca pela perfeição foi essencial para a artista chegar à sua obra-prima.

Pelo contrário, quando ambicionamos a perfeição e não aceitamos que a não conseguiremos ter por completo, entramos numa absoluta frustração e angústia, derivadas da insatisfação com a nossa condição



humana – imperfeita e suscetível ao erro. Só quando aceitarmos que um ideal, mesmo que sirva de orientação, não é o produto final, é que poderemos conviver em paz com as nossas falhas.

Em síntese, a perfeição assume o papel de ideal regulador e é crucial para o nosso desenvolvimento. Todavia, é necessário lidar com o facto de que nunca lá chegaremos, pois somos humanos. Assim, serve a ideia de perfeição para nos desafiar a dar o nosso melhor! ■

PERFEIÇÃO

(per · fei · ção)

O grau de excelência, bondade ou beleza a que pode chegar algo ou alguém.

"perfeição", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025, https://dicionario.priberam.org/perfeição

EDUARDA TEIXEIRA

EBS/PE/C BISPO D. MANUEL FERREIRA CABRAL (SANTANA)

ERASMUS NO SECUNDÁRIO?

SIM, É UM SONHO - E PODE SER O TEU!

JÁ IMAGINASTE SAIR DA TUA ILHA E EXPLORAR O MUNDO? SE TENS ESSA CURIOSIDADE, ACREDITA QUE NÃO ESTÁS SOZINHO. EU SOU UMA JOVEM QUE SEMPRE QUIS CONHECER NOVOS LUGARES E FOI NUM DIA COMPLETAMENTE NORMAL QUE TUDO MUDOU. DURANTE UM SIMPLES ENCONTRO COM UMA PROFESSORA, OUVI A FRASE QUE TRANSFORMARIA A MINHA VIDA: «QUERES PARTICIPAR NO ERASMUS?» SEM HESITAR, DISSE QUE SIM. E FOI ASSIM QUE ESTA AVENTURA COMEÇOU!

Tive a oportunidade de participar num intercâmbio na Polónia, e foi uma experiência incrível. Passei uma semana inesquecível em Łódź, uma cidade misteriosa e mágica, onde a história e a modernidade se misturam. Cada esquina parecia contar uma história, e explorar os seus murais, fábricas reabilitadas e cafés acolhedores tornou tudo ainda mais especial. O grupo era formado por jovens polacos, portugueses e espanhóis, e a conexão entre nós foi imediata. Mais tarde, chegou a vez de eles visitarem a nossa ilha, e essa vivência foi igualmente enriquecedora.

Meses depois, tive a sorte de voltar a participar no programa, e foi a melhor decisão que poderia ter tomado. Desta vez, recebi uma menina de Tenerife, nas Ilhas Canárias, e a nossa amizade tornou-se algo muito especial.

Criámos um vínculo tão forte que sei que esta relação irá durar para sempre. Mas o mais marcante não foi apenas essa amizade – foi também o grupo de meninas que conheci. Juntas, eu e as minhas colegas portuguesas formámos uma ligação tão próxima que nos tornámos inseparáveis. O mais incrível? Esta história ainda não acabou! Em breve, será a minha vez de visitar Tenerife, mergulhar na cultura vibrante daquela ilha, conhecer a sua família, os seus amigos e viver mais uma aventura Erasmus. Saber que esta experiência não termina com o fim do intercâmbio torna tudo ainda mais emocionante!

O Erasmus+ não é apenas uma oportunidade de viajar – é uma forma de aprender, crescer e criar memórias inesquecíveis. Vais mergulhar em novas culturas, descobrir tradições fascinantes e desafiar-te a viver momentos únicos que te farão sair da tua

zona de conforto. Além disso, vais melhorar as tuas competências linguísticas e desenvolver habilidades como autonomia, resiliência e capacidade de adaptação. Estas aprendizagens vão acompanhar-te para o resto da vida, abrindo-te portas tanto a nível académico como profissional. Se alguma vez sonhaste estudar fora, viver uma cultura diferente ou simplesmente desafiar-te a ti mesmo, este programa pode ser a tua grande oportunidade. E quem sabe? Talvez o teu "sim" a esta aventura mude a tua vida tanto quanto mudou a minha. ■

ESTÁS PRONTO PARA EMBARCAR NESTA VIAGEM?

CATARINA FERREIRA

EBS GONÇALVES ZARCO (FUNCHAL)



opinião



DO DESPORTO AOS LIVROS

UMA ENTREVISTA À PROFESSORA MANUELA VIEIRA



A UTILIDADE DOS TRABALHOS DE CASA

Uma das discussões mais relevantes no meio escolar — e das que mais opiniões divide — refere-se aos trabalhos de casa. São importantes ou não?

Em primeiro lugar, acho necessário distinguir os diferentes ciclos escolares. Embora acredite que o trabalho de casa deva depender inteiramente do progresso feito em sala de aula, não acho, de todo, necessário que um estudante do secundário, com exames e explicações, tenha fichas de exercícios para resolver regularmente. No entanto, para uma criança que está a aprender a escrever, reforçar a aprendizagem é apenas benéfico. A problemática reside no momento em que os professores, por não conseguirem concluir o plano na aula, enviam várias fichas dos cadernos de atividades e, por vezes, são os pais quem resolve esses mesmos exercícios. Todas as faixas etárias necessitam de tempo e espaço para si, de modo a desenvolverem-se de forma saudável. Retirar tempo de descanso, de esparecimento e de autocuidado às crianças e adolescentes é reforçar, nas cabeças jovens, a ideia de que o trabalho nunca acaba. É certo que o estudo é essencial, mas a sua gestão deve depender de cada um — e não ser imposta pelo sistema de ensino, numa tentativa falhada de garantir uma revisão diária dos conteúdos lecionados. Num país com uma média de horas de trabalho superior à europeia, é importante mostrar aos jovens que a vida vai além da escola e do trabalho. Do crescimento saudável fazem parte o descanso, as atividades extracurriculares e o tempo que cada um tira para si.

É necessário repensar se, após oito horas na escola, se justifica ainda sobrecarregar crianças e adolescentes com fichas e exercícios infundáveis, que acabam por ter um efeito contrário ao pretendido. ■

ÍISIS GOUVEIA

ES DE FRANCISCO FRANCO (FUNCHAL)

O Desporto Escolar é um projeto anual da Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, através da Direção Regional de Educação. Está integrado no programa educativo e envolve milhares de alunos em diversas modalidades desportivas ao longo de todo o ano letivo.

Todos os anos, este processo culmina numa grande celebração: a Festa do Desporto Escolar. Este evento conta com a participação de várias escolas e respetivos alunos, e transmite mensagens fortes e intemporais, levando também a uma reflexão sobre temas como, por exemplo, a violência no namoro.

O objetivo é proporcionar aprendizagens e experiências marcantes e, quem sabe, criar oportunidades únicas na vida dos participantes.

Estas atividades que abrangem todos os alunos da Região Autónoma da Madeira, promovem o trabalho em equipa, a cooperação e a coordenação, mas, na perspetiva da Professora Manuela Vieira, o mais importante é o autoconhecimento. É através deste que os jovens desenvolvem a capacidade de

lidar com sentimentos, emoções e frustrações, enfrentando as dificuldades no futuro com mais resiliência.

Para além do envolvimento no Desporto Escolar, a Professora Manuela dinamiza ainda projetos ligados à escrita, com publicações nos géneros poético e infantil. Os correspondentes do 'Ponto e Vírgula' tiveram acesso, em primeira mão, à divulgação de um novo livro da autora, direcionado aos jovens que ainda não se deixaram cativar pela leitura. Intitulado '100 Cenas Maradas', reúne 100 microcontos, cada um com apenas três a quatro linhas, com mensagens que levam à reflexão e ao debate. Para além do mais, este livro aborda assuntos essenciais na vida dos jovens – como a temática das redes sociais – de uma maneira única e ilustrativa. ■

AGORA NÃO HÁ DESCULPA, VAMOS LER?

GONÇALO ARAÚJO E JÚLIA CALDEIRA

ESCOLA DA APEL (FUNCHAL)

CONSUMO DE TEMPO!



opinião

CONSUMO



DE TEMPO!

A propósito do Dia Mundial do Consumidor, que se celebrou a 15 de março, na aula de Biologia e Geologia fomos desafiados a pensar sobre o que seria pertinente registar! Dei por mim a refletir sobre o consumo de tempo!

Vivemos num mundo onde o tempo é dinheiro, mas será que estamos a utilizá-lo de forma consciente? O tempo transformou-se num recurso valioso, usado de diversas maneiras. Aplicações de produtividade que nos prometem tanto, redes sociais que nos desviam horas sem nos apercebermos, plataformas de streaming que nos fazem dizer

«só mais um episódio». Será que estamos, de facto, a decidir como usar o nosso tempo ou estamos simplesmente a seguir a corrente? Mas, se o tempo é consumível, onde está o seu valor? Na quantidade do que fazemos? Talvez não. Talvez esteja, antes, naquilo que realmente vivemos e fazemos. Não se tem tempo de qualidade em produtividade, mas sim em momentos valiosos: um café com um amigo, um almoço em família ou apenas um olhar para o céu sem nos lembrarmos de olhar para o relógio.

No final de tudo, nós não gastamos o tempo, é ele que nos gasta. É nossa responsabilidade optar por apenas deixá-lo passar ou usá-lo em algo que realmente valha a pena! ■

SABES MAIS SOBRE O DIA MUNDIAL DO CONSUMIDOR AQUI!



LARA RODRIGUES

EBS DA PONTA DO SOL

O QUE É FEITO DO FAIR PLAY?



opinião

A violência no desporto surge de várias formas e está cada vez mais presente, sendo frequentemente noticiada nos meios de comunicação social. O desporto, que deveria ser uma forma de entretenimento, lazer e competição justa, muitas vezes atinge um nível preocupante, marcado por agressões físicas, violência verbal, racismo e discriminação. **Mas o que leva o desporto a tornar-se tão violento?** Será a pressão dos treinadores, a rivalidade entre equipas ou a influência dos adeptos?

Por um lado, considero que os atletas enfrentam um ambiente competitivo extremo, no qual a necessidade de vencer se sobrepõe ao espírito desportivo. Esta pressão pode resultar em comportamentos inadequados, desrespeito pelas regras e até conflitos físicos dentro e fora do campo. No entanto, embora o futebol seja frequentemente associado à violência, esta está presente em vários desportos. Modalidades como o hóquei e o rãguebi envolvem contacto físico

intenso, mas isso não justifica comportamentos agressivos fora das regras. Independentemente da modalidade, todos os atletas devem respeitar os adversários e manter um comportamento digno. Por outro lado, parece-me que os adeptos, quer por paixão excessiva por um clube, quer por ódio à equipa adversária, não controlam as suas emoções, o que os leva a praticar atos que perturbam o equilíbrio do jogo. Em casos extremos, esses comportamentos podem mesmo resultar em violência grave e até em mortes. Temos o exemplo das provocações entre claques e das retaliações entre estas.

Concluo que **a violência no desporto é desnecessária e deve ser combatida através da promoção do fair play. É essencial que os jogadores aceitem tanto a vitória quanto a derrota com respeito – e que os adeptos façam o mesmo.**

Além disso, punições mais severas para atos violentos, dentro e fora do campo, são fundamentais para garantir um ambiente desportivo saudável e equilibrado. ■

SANTIAGO FIGUEIRA

EBS DR. LUÍS MAURÍLIO DA SILVA DANTAS — CARMO
(CÂMARA DE LOBOS)

A luta pela igualdade continua

A desigualdade de género é um problema que existe desde sempre. Esta desigualdade acontece quando homens e mulheres não têm os mesmos direitos, tratamentos e oportunidades. Manifesta-se em diversas áreas, como na política, no mercado de trabalho e até na vida privada, quando se trata das tarefas domésticas. Apesar de **ter vindo a diminuir, fruto de lutas constantes, ela continua presente no nosso quotidiano. As mulheres, em muitas situações, ao desempenharem as mesmas tarefas ou no exercício do mesmo cargo que os homens, auferem salários inferiores.** Além disso, precisam de trabalhar arduamente e enfrentar dificuldades e barreiras para alcançar cargos de liderança e, por vezes, **quando alcançam esses patamares, são desprezadas e não veem o seu trabalho reconhecido.**

Em casa, infelizmente, as mulheres são quase sempre associadas às tarefas domésticas. Em vez de haver uma distribuição equilibrada

destas, ou seja, a partilha, há um pensamento generalizado de que cabe às mulheres cuidar do lar e dos filhos. **Acabar com esta discriminação implica uma mudança de mentalidade da sociedade** e, sobretudo, da educação de base das crianças. Primeiro, porque o ser humano é um ser de imitação, logo, as crianças imitam os adultos nos seus atos e não nas palavras. Além disso, é preciso acabar com o estigma das cores das roupas dos bebés: rosa é cor de menina e azul de menino; as meninas brincam com bonecas e meninos brincam com carros. Tudo isto está tão enraizado que as pessoas agem de forma intuitiva, sem pensarem nos prejuízos que daí advêm. **Temos todos, ainda, uma grande luta pela frente, pois não é fácil mudar mentalidades.** Todos sabem que o problema existe — em teoria —, mas, na prática, grande parte das pessoas faz aquilo que interiorizou a partir dos valores familiares.

É triste! ■

ANA MARIA SPÍNOLA

EBS DE MACHICO

O REFLEXO DA CRIATIVIDADE

Beatriz Escórcio, aluna da Escola da APEL, foi a vencedora do prémio **'Mais Criatividade'** de março com a sua ilustração intitulada **'Reflexos'**. Depois de ter vencido o concurso das capas do PV, Beatriz volta a destacar-se e foi agora premiada com um voucher de **30 euros**, oferecido pelo **PLAZA MADEIRA**, parceiro desta iniciativa.

A ilustração de Beatriz explora, através dos reflexos sucessivos, as múltiplas camadas que compõem a nossa identidade. Como ela mesma afirma, «somente nós nos conhecemos verdadeiramente.»

A escolha do trabalho vencedor foi feita pelo Gabinete do Secretário Regional de Educação, Ciência e Tecnologia.

O PV é um reflexo do pensamento e da criatividade da geração jovem que tem colaborado ativamente ao longo desta década neste projeto. ■

